



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES - IARTE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA

**ENSINO DE VIOLINO PARA ALUNO SURDO: IDEIAS E
ATIVIDADES**

Uberlândia, Setembro de 2025.

FELIPE EDUARDO GOMES VIANA

ENSINO DE VIOLINO PARA ALUNO SURDO: IDEIAS E ATIVIDADES

Pesquisa apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, vinculada à disciplina Pesquisa em Música 3 do Curso de Licenciatura em Música, sob orientação da profa. Dra. Jaqueline Soares Marques.

Uberlândia, setembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me proporcionar a oportunidade de concluir a graduação em música, com vida e saúde.

Um agradecimento mais do que especial para minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Jaqueline Marques, que nos momentos de pesquisa sobre o tema, teve um papel muito especial, me dando a base na escrita, conselhos e cuidado, mesmo quando quis desistir, ela teve um papel fundamental me incentivando, me dizendo “Felipe, agora vai” isso me motivava a não desistir.

À banca examinadora deste trabalho: Prof.^a Dr.^a Cintia Thais Morato e Prof.^a Dr.^a Lilia Neves, que com muito carinho aceitaram o convite de estar dialogando sobre o tema.

Aos colegas de curso ficam meus agradecimentos.

Agradeço ao meu professor de violino, Dr. Mábio Rocha Duarte, pelos ensinamentos violinísticos, técnicas, e literaturas, que me permitiu chegar até aqui e tem me motivado a alcançar e trilhar caminhos que me ajudou alcançar meus sonhos.

Um agradecimento a minha família, minha esposa, Kellen Franco de Aleixo Viana, que em todo o processo da graduação esteve ao meu lado, como um pilar de apoio, onde nos momentos de tristeza e alegria que compartilhamos, e orando juntos para que pudesse nos ajudar nesse processo da graduação. E minhas filhas Maria Julia Aleixo Viana, Sofia Aleixo Viana e Helena Aleixo Viana, que sempre me motivaram a chegar nesse momento, que dizia “papai, o senhor vai conseguir, porque o senhor é forte!” Mal sabiam elas que a minha força e motivação era por elas.

Aos meus pais, Elizabeth Alves Gomes Santos e Maurilio Viana Dos Santos, que sempre me apoiaram em meu sonho de ser músico.

RESUMO

Este artigo apresenta ideias e atividades para o ensino de violino a um aluno surdo, destacando as adaptações pedagógicas realizadas para tornar o processo acessível e significativo. A necessidade de comunicação efetiva levou o professor a buscar formação em Língua Brasileira de Sinais (Libras), fator que possibilitou a construção de confiança mútua e o desenvolvimento de estratégias específicas. O percurso metodológico incluiu etapas como a apresentação do instrumento, postura corporal, técnica de arco, posicionamento da mão esquerda e processo de afinação, com atividades baseadas na percepção vibro-tátil e em recursos visuais. Os resultados revelam que o ensino instrumental a pessoas surdas é viável e enriquecedor, ampliando a autonomia do estudante e desafiando o professor a repensar sua prática. A experiência contribui para a desconstrução de estereótipos sobre a musicalidade surda e aponta para a importância da formação docente em Libras e da consolidação de propostas metodológicas inclusivas no ensino de música.

Palavras-chave: Educação musical; Ensino de Violino; Surdez; Inclusão; Libras

ABSTRACT

This article presents ideas and activities for teaching violin to a deaf student, highlighting the pedagogical adaptations made to make the process accessible and meaningful. The need for effective communication led the instructor to pursue training in Brazilian Sign Language (Libras), which enabled the development of mutual trust and specific teaching strategies. The methodological path included introducing the instrument, addressing body posture, bow technique, left-hand positioning, and tuning practices, supported by activities based on vibrotactile perception and visual resources. The results show that instrumental instruction for deaf learners is both feasible and enriching, expanding students' autonomy and encouraging teachers to rethink their pedagogical approaches. This experience contributes to deconstructing stereotypes about deaf musicality and emphasizes the importance of teacher education in Libras, as well as the consolidation of inclusive methodological frameworks in music education.

Keywords: Music Education; Violin Teaching; Deafness; Inclusion; Brazilian Sign Language (Libras)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	8
2.1 CULTURA, IDENTIDADE SURDA E EDUCAÇÃO	8
2.2 PRÁTICAS MUSICAIS INCLUSIVAS: APRECIÇÃO, REPERTÓRIO E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS	10
3 ENSINANDO VIOLINO PARA PESSOAS SURDAS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA	11
3.1 PRIMEIROS PASSOS: COMUNICAÇÃO E CONFIANÇA MÚTUA.....	12
3.2 INTRODUÇÃO AO INSTRUMENTO: NOMENCLATURA E VIBRAÇÕES	12
3.3 POSTURA CORPORAL.....	13
3.4 TÉCNICA BÁSICA DO ARCO	13
3.5 MÃO ESQUERDA E POSIÇÃO DOS DEDOS.....	14
3.6 AFINAÇÃO: O MAIOR DESAFIO	15
4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	16
REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

A ideia de desenvolver um projeto de pesquisa que envolva educação musical e alunos com surdez se deu por uma experiência que tive no ano de 2017, quando fui apresentado para um cargo na igreja que frequento para ministrar aulas de música. Na ocasião chegou até mim um aluno com desejo de estudar violino e, quando conversamos pela primeira vez me deparei com a situação de lidar com um aluno surdo. No início a situação me assustou pois pensava: Como vou ensinar o violino para uma pessoa surda?

No decorrer do curso de licenciatura em Música, antecipei a disciplina de Libras para poder aprender a me comunicar com esse aluno. Durante as aulas de libras, a professora, manifestou o desejo de ver o meu aluno tocar. Gravei os vídeos dele tocando, e ela ficou admirada com o resultado. Meus colegas de turma e a professora apresentaram várias dúvidas em relação a como foi o meu processo de ensinar esse aluno, e após as discussões comecei a me fazer algumas perguntas: Como eu ensinei meu aluno surdo a tocar violino? E como ele entendeu e apreendeu os conhecimentos?

Após essa experiência de mostrar o trabalho que havia desenvolvido com aquele aluno, isso me fez querer buscar mais conhecimentos sobre Libras, e em como dar aulas de violino para pessoas surdas. Para tanto esse relato de experiência teve como objetivo geral descrever e sistematizar a experiência de ensino de violino a um aluno surdo, e como específicos mostrar o processo de comunicação estabelecido entre professor e aluno, com ênfase na importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para o ensino musical; descrever adaptações metodológicas aplicadas ao ensino de violino para pessoa surda, considerando postura, percepção vibro-tátil, digitação e afinação; identificar os principais desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem, como a questão da afinação, e as estratégias adotadas para superá-los e refletir sobre os resultados obtidos e sobre as possibilidades de expansão dessa prática para contextos coletivos e inclusivos.

Sendo assim, espero por meio deste trabalho, trazer contribuições pedagógicas e reflexivas para professores de música que desejam ou que já atuam com pessoas surdas, bem como auxiliar no entendimento do fazer musical, da comunidade surda, que faz música para muito além do som, mesmo eles não ouvindo, mas também sentindo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CULTURA, IDENTIDADE SURDA E EDUCAÇÃO

A educação de surdos no Brasil se desenvolve a partir de um longo percurso histórico marcado pelas lutas da comunidade surda pelo reconhecimento de sua identidade, língua e cultura. Nesse sentido, a literatura destaca que “a educação de surdos(as) no Brasil emerge de décadas de luta da comunidade surda por direitos legais que atendam às suas especificidades, garantindo o reconhecimento de sua cultura, identidade e língua” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 3). Assim, a surdez deve ser compreendida não apenas como diferença sensorial, mas como pertencimento cultural.

A constituição dessa identidade se dá nas trocas visuais e nas experiências compartilhadas no seio da comunidade surda. Conforme afirma Strobel, “a formação da identidade surda é construída a partir das relações estabelecidas coletivamente pelo povo surdo.” (STROBEL, 2008 apud JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 5). Tais relações se apoiam em uma cultura visual que, conforme destaca a literatura, vem sendo progressivamente reconhecida: “essas percepções vêm sendo desconstruídas a partir do entendimento de que o povo surdo carrega consigo elementos culturais, o que reforça a luta por acesso à língua e reconhecimento de que a sua cultura esteja pautada nas experiências visuais.” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 5).

Nesse horizonte, o papel docente assume relevância ética. Os estudos apontam que se observam “as consideráveis responsabilidades dos(as) professores(as) que trabalham em uma perspectiva inclusiva”, pois estes “precisam desenvolver seu trabalho com o objetivo de incluir e proporcionar oportunidades de aprendizado considerando as características culturais desse público.” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 5). Tal responsabilidade ultrapassa a mera adaptação de recursos, configurando-se como uma postura pedagógica que reconhece e legitima a diferença linguística e cultural. Assim, torna-se imprescindível que “a sociedade e as instituições educativas, como as escolas, compreendam esses aspectos essenciais para promover uma sociedade mais inclusiva para todos(as).” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 5).

O debate sobre musicalidade também se insere nesse campo sociocultural mais amplo. Por séculos, a noção de música foi hegemonicamente ancorada na audição, o que gerou estereótipos sobre a suposta incapacidade musical de pessoas surdas. A crítica a essa percepção aparece de forma contundente na literatura internacional: “A suposição

comum de que a cultura surda é uma cultura sem música tem sido um erro de julgamento [...] Embora menos valorizada e experimentada de forma diferente, a música realmente existe dentro da cultura surda.” (DARROW; LOOMIS, 1999, p. 89, tradução livre, apud SILVA, 2022, p.3).

No Brasil, autores como Haguiera-Cervellini reforçam essa perspectiva ao defender que “a vivência musical e a musicalidade são possibilidades para os surdos”, destacando que tal vivência pode ser “extremamente benéfica, no sentido de proporcionar-lhes prazer, alegria e realização pessoal.” (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003 apud JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 5).

Nesse sentido, compreender a musicalidade surda implica deslocar a audição do centro e reconhecer outras vias sensoriais, tais como a vibração, o movimento e a percepção corporal. Por isso, a literatura enfatiza que ensinar música a surdos exige do professor não apenas ajustes metodológicos, mas também um reconhecimento de novas formas de “ouvir” e de produzir significados estéticos. Pereira (2016), por exemplo, reforça que o processo envolve “a percepção da sensação vibro tátil que está ligada à memória, à coordenação motora, à atenção e à discriminação do estímulo sonoro e rítmico.” (PEREIRA, 2016 apud SILVA, 2022, p. 4).

Além dos aspectos sensoriais, existem dimensões éticas e políticas fundamentais. A crítica ao “ouvintismo”, entendido como “o poder, a imposição de superioridade dos ouvintes sobre os Surdos” (SKLIAR, 1998 apud SILVA, 2022, p. 5–6), e ao “audismo”, definido como “a imposição do ponto de vista dos ouvintes sobre os surdos que perpetua práticas colonizadoras e capacitistas” (SKLIAR, 1998 apud SILVA, 2022), evidencia que a inclusão musical exige posicionamentos que ultrapassem o plano técnico. Como afirma Silva (2022), “é necessário fazer a equivalência cultural, sempre tendo a consciência em não ser colonialista, aquele ouvinte salvador para com os Surdos.” (p. 6).

Por fim, experiências brasileiras como a da Banda AB'Surdo mostram que a mediação linguística é estruturante no processo de ensino. A presença de intérpretes e docentes bilíngues demonstra impacto direto na aprendizagem: “Em dois meses atuando como intérprete [nas aulas de música] vimos que dava certo [...] e que minha presença enquanto intérprete fazia diferença na aprendizagem do Surdo” (SILVA, 2022, p. 6). Além disso, estudos registrados por Benassi (2014), Pereira (2014), Barros (2014), Kuntze & Schambeck (2014), Bischoff (2017) e Sanchez (2021) reforçam a complexidade e diversidade das abordagens possíveis, evidenciando tanto a carência de materiais quanto a necessidade de metodologias culturalmente referenciadas e multissensoriais.

Dessa maneira, a literatura demonstra que a educação de surdos, especialmente na música, não é apenas um campo de adaptação, mas um espaço de transformação, onde diferentes formas de sentir o mundo se encontram.

2.2 PRÁTICAS MUSICAIS INCLUSIVAS: APRECIÇÃO, REPERTÓRIO E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Inseridas no contexto cultural e sensorial discutido anteriormente, as práticas musicais inclusivas articulam aspectos metodológicos que permitem ao aluno surdo acessar, vivenciar e produzir música de modo significativo. Um dos eixos fundamentais é a apreciação musical mediada, na qual o professor atua como ponte entre repertórios, contextos e experiências. A literatura propõe uma sequência estruturada como referência didática: “O professor deve buscar por exemplos musicais produzidas por músicos surdos e ouvintes [...] Ressalte como essas diferentes performances apresentam a cultura surda por meio da música, destacando a superação de barreiras entre a cultura surda e ouvinte.” (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003 apud JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 6).

Essa prática estimula a leitura crítica e estética, ao mesmo tempo em que amplia a visibilidade de artistas surdos, contribuindo para a desconstrução de estigmas que historicamente associaram musicalidade exclusivamente à audição.

Outro eixo metodológico central refere-se à escolha de repertório. Como apontam os autores, o professor deve considerar critérios culturais, etários e linguísticos: “escolha de músicas que considere que sejam significativas para os participantes [...] e que possam ser expressas de maneira eficaz em Libras.” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 12). Essa seleção cuidadosa reforça o protagonismo do aluno surdo, que encontra no repertório um espaço de identificação e expressão.

No campo das práticas coletivas, o coral de Libras constitui uma das estratégias mais difundidas. Nessa modalidade, o professor precisa “decidir se os estudantes ouvintes e os surdos falantes irão cantar a canção. Caso seja tomada essa decisão, o professor deve se atentar para todos os aspectos inerentes da pedagogia coral ou coral infantil/juvenil” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 12). O coral de Libras é reconhecido como prática que “contribui para um ambiente escolar mais inclusivo, enfatizando o compromisso com a diversidade linguística e cultural das pessoas surdas, além de melhorar a autoestima e as relações interpessoais.” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 13).

Além da voz e da língua de sinais, instrumentos musicais também podem ser adaptados de maneira significativa. A percussão, por exemplo, constitui recurso central em muitas práticas devido à força das vibrações: “o uso da percussão é uma estratégia que busca proporcionar uma experiência sensorial acessível através das vibrações dos instrumentos musicais e objetos sonoros.” (JESUS; PEREIRA; MOTA, 2024, p. 13). Contudo, estudos mais recentes mostram que instrumentos de corda, como o violino, também podem ser explorados pedagogicamente a partir da vibração, da visualidade dos gestos e da mediação bilíngue, como apontam experiências relatadas por Sanchez (2021) e pela literatura brasileira.

As práticas coletivas são destacadas como fundamentais por diversos autores. Bischoff (2017), ao relatar uma experiência de prática de conjunto com surdos, demonstra que o trabalho em grupo potencializa a aprendizagem por pares e amplia a percepção vibrotátil. A autora conclui que é limitado pensar que “somente os ouvintes podem vivenciar uma experiência musical”, evidenciando que o ensino coletivo “transcende questões auditivas”.

A literatura sobre repertório e práticas instrumentais também reforça a necessidade de aproximação do professor com a comunidade surda, como destaca Sanchez (2021), para que haja sensibilidade no uso de sinais adequados, organização da aula e criação de estratégias eficientes. Segundo o autor, resultados positivos dependem de “uma educação reflexiva e do trabalho colaborativo”, incluindo apoio da família e da escola.

Por fim, a revisão mostra que práticas inclusivas não dependem de materiais especializados ou tecnologias sofisticadas, mas de uma postura pedagógica dialógica, sensível e culturalmente informada. Como afirma Sanchez, todos os alunos “têm direito e oportunidade de fazer música independente de suas limitações”.

3 ENSINANDO VIOLINO PARA PESSOAS SURDAS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

A experiência de ensino de violino para alunos surdos exige adaptações metodológicas específicas, que considerem tanto a comunicação quanto os aspectos sensoriais da aprendizagem musical. As ideias aqui apresentadas tomam como referência a trajetória de ensino desenvolvida com um aluno surdo, oralizado, graduado em Arquitetura e com conhecimentos musicais básicos. O processo de ensino se iniciou de forma complexa, devido às barreiras comunicacionais. A partir da minha dedicação em

aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras), foi possível construir uma comunicação fluida, permitindo o desenvolvimento musical e a execução de estudos básicos de violino, além de repertório aplicado em sua prática comunitária.

Esse percurso possibilitou sistematizar um esquema do tipo “passo a passo”, que pode servir como guia para outros professores interessados em trabalhar com o ensino de cordas friccionadas a estudantes surdos, e que serão descritos a seguir.

3.1 PRIMEIROS PASSOS: COMUNICAÇÃO E CONFIANÇA MÚTUA

O primeiro requisito para o ensino de música a alunos surdos é o professor demonstrar interesse e respeito pela cultura e pela língua desse público. O aprendizado da Libras possibilitou não apenas a comunicação mais clara, mas também a construção de confiança entre professor e aluno. Essa confiança é essencial, pois o processo de ensino-aprendizagem envolve paciência, adaptação e diálogo constante e à medida em que o aluno vai compreendendo, vai evoluindo e o seu interesse aumenta.

3.2 INTRODUÇÃO AO INSTRUMENTO: NOMENCLATURA E VIBRAÇÕES

Na etapa inicial, é fundamental a apresentação das partes do violino e do arco por meio da Libras, utilizando sinais visuais já consolidados na comunidade surda ou adaptando-os quando necessário: braço, cavalete, cravelhas, microafinadores, queixeira e arco. Com o intuito de exemplificar e documentar o processo de mediação bilíngue adotado, foi realizado o registro em vídeo das estratégias visuais desenvolvidas pelo professor, incluindo a criação e adaptação de sinais específicos para a compreensão do aluno surdo (<https://youtu.be/70PjTLnW3as>).

Atividades sugeridas:

- Utilizar afinador eletrônico para mostrar visualmente o nome e a afinação de cada corda. Como pode ser visualizado no vídeo disponível em <https://youtu.be/70PjTLnW3as>
- Estimular o aluno a relatar a diferença de vibração percebida em cada corda - Ao tocar as cordas, estimule o aluno a diferenciar as vibrações tanto das cordas mais graves como das agudas.
- Explorar a percepção tátil da vibração transmitida pela crina do arco e pela queixeira no maxilar - Ao tocar, veja se o aluno consegue sentir em cada parte de sua mão e queixo as mudanças de cordas. Por exemplo, ao tocar na corda SOL que por sua vez é a mais

grave, o aluno pode relatar que sua mão, peito, pescoço e maxilar vibram com mais energia do que quando toca a corda MI que é a mais aguda.

- Pegue o violino e peça para que seu aluno possa colocar a mão no tampo do fundo e vá tocando do grave ao agudo. Peça para ele relatar as sensações, como por exemplo quanto mais agudo, a vibração vai diminuindo e pode ter essa percepção de altura das notas. Faça uma escala começando na corda SOL, e peça para ele observar que cada mudança de nota é uma vibração diferente, assim você já pode explicar que uma escala, é uma sequência de notas dadas uma após a outra.

3.3 POSTURA CORPORAL

Para o aluno surdo, os detalhes posturais são decisivos, uma vez que a consciência corporal contribui diretamente para a percepção vibro-tátil e visual.

Atividades sugeridas:

- Solicitar que o aluno descreva os pontos de desconforto ao segurar o violino - Pode acontecer, que no início o aluno reclame da postura. Ele poderá ter desconforto da empunhadura do braço esquerdo, pois ela é quem sustenta o seu instrumento. No início tente não forçar, mas a cada sensação de desconforto, faça um alongamento para que seu aluno possa ir descobrindo a postura e por conseguinte ganhar resistência física para segurar o violino.

- Observar reações de dor ou tensão nos ombros e punho - Pode acontecer do aluno expressar de uma forma bem simples que está incomodado com a postura, como por exemplo, dor nos ombros e aos poucos você, como professor, vai saber o momento de descanso.

- Orientar sobre o relaxamento corporal como condição para maior fluidez no toque - O relaxamento é muito importante. Sempre lembre o seu aluno que quanto mais relaxado, menos dor irá sentir. A tensão faz com que os músculos contraiam e o seu aluno não desenvolva. É muito importante que o aluno juntamente com o professor, possa fazer séries de alongamentos, e buscar o movimento de espreguiçar todas as vezes que sentir incômodo.

3.4 TÉCNICA BÁSICA DO ARCO

O arco deve ser apresentado com nomenclatura clara, em que você e o seu aluno possam compreender, tais como (crina, vareta, talão, ponta). A explicação sobre a empunhadura deve ser detalhada, acompanhada de observação constante.

Atividades sugeridas:

- Propor desafios de montar e desmontar a posição da mão direita - Quando fazemos essas atividades com o aluno, podemos perceber se há um entendimento ou não, pois a forma da mão direita do arco é bem importante pois é de lá que vem a produção do som. Essa produção do som faz com que esse aluno possa perceber as vibrações das cordas.

- Usar afinador digital para observar o paralelismo do arco em relação ao cavalete - O uso do afinador digital feito por aplicativo, é primordial para o aluno surdo, por ser um meio visual onde esse aluno, através do seu tocar, pode perceber a afinação pelo feedback visual. No início, a explicação de como funciona esse aplicativo tem que ser muito bem detalhada, pois quando há o entendimento do seu aluno surdo, as próximas notas a serem tocadas ficam muito bem afinadas. Ao descer e subir o arco, seu aluno poderá trabalhar paralelo ao cavalete, isso faz com que a produção sonora seja identificada pelo aplicativo e se torna mais fácil a visualização.

- Trabalhar com o cotovelo apoiado em uma parede, para ajudar na regularidade do movimento - Essa estratégia é de grande valia, pois ao explicar para seu aluno o objetivo dessa proposta, ele começa a identificar o movimento do braço direito e passa a descer e subir o arco o mais paralelo possível, demonstrando que ele entendeu como executar o movimento.

3.5 MÃO ESQUERDA E POSIÇÃO DOS DEDOS

A digitação deve ser introduzida progressivamente, sempre com atenção ao conforto físico e à consciência da posição da mão.

Atividades sugeridas:

- Pedir que o aluno descreva a sensação de cada dedo ao ser posicionado - Ao posicionar o primeiro dedo, o aluno pode ter uma tendência a enrijecer os demais dedos, por isso sempre oriente seu aluno que, ao posicionar o primeiro dedo os demais têm que estar de prontidão de forma que não estejam tensionados. Quando o aluno encosta cada um dos dedos na corda ele pode perceber as diferentes vibrações de cada nota tocada. Sempre peça que ele esteja consciente aos movimentos.

- Trabalhar subidas e descidas de dedo no espelho do violino - Esse exercício é fundamental, pois isso trará flexibilidade e autonomia aos dedos. Essa atividade faz com que o aluno crie memória muscular.

- Inserir pausas para relaxamento quando houver dor ou tensão - A pausa é tão importante quanto os momentos de atividades no aprendizado do violino, ela não só descansa a musculatura, mas nesse momento pode ajudar em possíveis feedbacks do aluno, e que podem ser discutidos com o professor.

3.6 AFINAÇÃO: O MAIOR DESAFIO

A afinação é uma das etapas mais complexas para alunos surdos, exigindo paciência e gradualidade.

Atividades sugeridas:

- Integrar afinadores digitais e aplicativos com feedback visual (cores, gráficos) - Um dos aplicativos recomendados é o “soundcorset¹” que é de grande valia para o aluno surdo. Esse aplicativo tem como objetivo auxiliar o posicionamento dos dedos de maneira que, se a afinação estiver baixa (Calante) ou alta (Brilhante), o aplicativo mostra visualmente.

- Trabalhar a percepção tátil da vibração do instrumento como guia auxiliar - Ao realizar repetições o aluno vai tomando consciência e passa a perceber as mudanças de cada vibração. Com isso o aluno pode ir rompendo pequenas barreiras que impossibilitam o seu conhecimento e desenvolvimento no instrumento. Sempre pergunte se ele está percebendo as mudanças, porque senão perceber, o professor tem que buscar adotar outras estratégias para que ele consiga aprender.

- Estabelecer metas progressivas (afinar primeiro uma corda, depois duas, até o conjunto) - O trabalho de afinação por cordas tem que ser muito minucioso, pois o aluno tem que perceber a mudança não só na vibração, mas também no visual.

- Incentivar estudos em duplas (professor/aluno ou aluno/aluno) para maior apoio visual. Isso demonstra a parceria que seu aluno pode criar, e a confiança de evoluírem em conjunto.

¹ <https://soundcorset.com/>

- Valorizar cada avanço, relacionando o processo de afinação à conquista pessoal e ao prazer de tocar - A cada conquista, comemore, vibre e demonstre para o seu aluno a sua satisfação em ver o seu progresso. Sempre elogie e incentive seu aluno a querer mais.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A experiência com o aluno mostrou que, apesar da complexidade inicial, a combinação de comunicação em Libras, estratégias pedagógicas adaptadas e construção de confiança, pode levar a resultados significativos para ambos envolvidos. O aluno alcançou autonomia em estudos básicos de violino levando esse aprendizado para contextos musicais de sua vida, como o tocar na igreja, podendo assim mostrar para a comunidade surda que é possível o aprendizado musical, e que as suas limitações na audição não são uma barreira para conseguir êxito ao tocar um instrumento de afinação não temperada.

Esse percurso revelou que o ensino de violino para pessoas surdas não apenas é possível, mas é também enriquecedor para ambos os lados: amplia a musicalidade do aluno e desafia o professor a repensar sua prática. O fundamental é compreender que a musicalidade não está restrita à audição, mas pode ser vivida pelo corpo, pela vibração e pela expressão. A música, em sua essência, é uma linguagem que pode ultrapassar barreiras culturais, sociais e até mesmo sensoriais. Ela não se limita apenas ao som, mas também à vibração, ao ritmo, à expressão corporal e à emoção. Nesse sentido, os alunos surdos têm a oportunidade de vivenciar a música de uma maneira singular, encontrando nela um espaço para revelar sentimentos e construir uma identidade artística própria.

Cada obstáculo vencido no processo de aprendizado não foi apenas uma conquista individual do aluno ou um êxito profissional do professor, mas um marco para toda a comunidade surda, que ganha representatividade e visibilidade. A superação de desafios nesse contexto mostra à sociedade que a música não pertence exclusivamente a quem ouve, mas a todos que desejam sentir, criar e compartilhar.

Por fim, acredita-se que esta vivência pode contribuir para o campo da educação musical especial ao demonstrar, de forma prática e reflexiva, caminhos metodológicos possíveis para o ensino de instrumentos de cordas a pessoas surdas. A sistematização das estratégias aplicadas, que vão desde a valorização da comunicação em Libras até o uso de recursos vibro-táteis e visuais, pode oferecer subsídios para professores que desejam atuar em contextos inclusivos, evidenciando que o ensino musical pode (e deve) ser

acessível a todos. Além disso, este estudo reforça a necessidade de ampliar a formação docente em práticas inclusivas e aponta para a importância de pesquisas futuras que aprofundem as relações entre música, surdez e pedagogia do instrumento, fortalecendo o compromisso da educação musical com a diversidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ana Deborah Pereira. O ensino da música para pessoas com deficiência: o surdo no contexto não formal. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM, 12., São Luiz. Anais [...]. São Luiz: ABEM, 2014. p. 1–11. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v1/papers/627/public/627-2590-1-PB.pdf. Acesso em: 28 mar. 2022.

BENASSI, Claudio Alves. Além dos sentidos: aprendizagem de música por surdos; mitos, verdades e possibilidade. Caderno de Música, Arte e Cultura, Cuiabá, v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2760>. Acesso em: 26 mar. 2022.

BISCHOFF, Juliana. Prática de conjunto com surdos: um relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017, Manaus. Anais [...]. Manaus: ABEM, 2017. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v2/papers/2730/public/2730-9339-1-PB.pdf. Acesso em: 1 abr. 2022.

DARROW, Alice-Ann; LOOMIS, Danielle. Music and deaf culture: images from the media and their interpretation by deaf and hearing students. *Journal of Music Therapy*, v. 36, n. 2, p. 88–109, 1999.

FINCK, Regina. Educação musical inclusiva: a experiência da percussão com surdos. *Revista da ABEM, Porto Alegre*, v. 22, p. 45–60, 2009.

JESUS, Solange Sodré de; PEREIRA, Eliton Perpetuo Rosa; MOTA, Cristiano Aparecido da Costa. Propostas inclusivas com estudantes surdos em aulas de música na escola. *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, e131605, 2024.

KUNTZE, Vivian Leichsenring; SCHAMBECK, Regina Finck. Ensino de música: perspectivas de uma professora surda. Grupo de Investigação Educação Arte e Inclusão, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/4051/3247>. Acesso em: 1 abr. 2022.

PEREIRA, Sarita Araújo. Ensino musical para surdos: um estudo de caso com utilização de tecnologia. In: SIMPOM, 3., 2014, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. Disponível em: <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/4579/4101>. Acesso em: 25 mar. 2022.
PEREIRA, Sarita. Educação musical para surdos: desafios e perspectivas. Uberlândia: EDUFU, 2016.

SÁNCHEZ, Luis. El Aprendizaje del Violín en Alumnado con Discapacidad Auditiva. *Música Hodie*, v. 21, e67802, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/67802/37519>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SILVA, Andressa Samanta da. Educação musical com surdos: necessidade de uma prática bilíngue. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM, 13., 2022, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ABEM, 2022. p. 1–11. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_ersd/v5/papers/1252/public/1252-5441-1-PB.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre a diferença. Porto Alegre: Mediação, 1998.
STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.